

Haroldo Hollanda

**O penoso diálogo
 entre governistas**

Depois dos acontecimentos desta semana, em seguida à frustrada votação do Regimento Interno da Constituinte, esquentaram ainda mais as já tensas relações políticas entre o PMDB e a Frente Liberal. Aliás, o relacionamento entre os dois partidos, sempre assinalado pelo descompasso e a divergência, jamais voltará ao espírito de congraçamento com que foi marcado ao tempo da formação da Aliança Democrática. É provável, segundo admitem seus líderes, que PMDB e Frente Liberal, por questão de conveniência circunstancial, voltem a se entender em torno do projeto do Regimento Interno, a ser votado pela Constituinte, logo depois das festas de carnaval. É trégua passageira. O deputado José Lourenço, líder da Frente Liberal e um dos que se empenham no momento pelo acordo, admite que novos episódios políticos, no decorrer da Constituinte, irão situar em campos opostos a Frente Liberal e o PMDB, notadamente as suas esquerdas.

Mas, a exemplo do que ocorria em passado recente, quem promete continuar a imprimir ao PMDB sua tônica e seu ritmo são as esquerdas do partido, embora sob protesto dos moderados ou conservadores abrigados em sua legenda. Mas, o predomínio das esquerdas do partido ficou demonstrado em vários acontecimentos, sendo o mais expressivo deles a escolha, como líder da bancada, do deputado Luiz Henrique.

Os moderados, por inspiração e estímulo do governo, tentaram se aglutinar em torno do deputado Carlos Santana, que se apresentou formalmente como candidato a líder da bancada do PMDB na Câmara. No entanto, na véspera da eleição do líder da bancada, o governo fez com que Santana refluísse da sua condição de candidato, num sinal de que não acreditava na sua vitória. Não quis o Planalto, quando menos, submeter seu candidato ao risco de uma derrota, o que se refletiria sobre o prestígio do próprio governo. Optou por indicar Santana como líder do governo na Câmara, o que não corresponde ao mesmo poder de fogo e autoridade política a quem passa pelo batismo do voto no seio de sua bancada.

Bastou a primeira batalha parlamentar de vulto para que Santana e Luiz Henrique se situassem em campos opostos no partido. Luiz Henrique teria cometido um erro de avaliação, ao assegurar a Ulysses Guimarães que possuía condições, em plenário, de impor a vontade do seu partido e pontos de vista, que pelo menos para o governo, eram considerados como inaceitáveis. Santana, mobilizado pelo Planalto, fez incursões na retaguarda da bancada, tirando do líder do PMDB forças preciosas. A retirada dos parlamentares do plenário para evitar o quorum se fez numa manobra conjunta empreendida pelos líderes do governo e da Frente Liberal. A ira dos parlamentares fiéis a Luiz Henrique se voltou contra Santana. Alegam eles que em consequência desse seu procedimento, o líder do governo, embora seja do PMDB, perdeu todo e qualquer trânsito na bancada, onde passou a ser encarado como indesejável, segundo versões da esquerda do partido.

As esquerdas acusam Santana de comandar apenas os fisiológicos do PMDB. Mas quem garante que, entre os que se ausentaram do plenário, não se encontravam integrantes da esquerda do PMDB? O deputado José Lourenço, líder da Frente Liberal, no fragor da batalha que travou esta semana na Constituinte, proclamava aos jornalistas que o grupo do PMDB que obedeceu à orientação de Santana e à bancada da Frente Liberal, por ele liderada, estavam começando a formar o germen do futuro bloco governamental ou conservador na Constituinte. Na ponta do lápis, assegurava Lourenço que o bloco tem condições de ser integrado por cerca de 300 parlamentares.

A designação de Santana para líder do governo seria o sinal mais evidente — de acordo com avaliações de políticos no Congresso — do sintoma mais evidente de que o governo não pretende abrir mão do poder de influir na Constituinte.

Retorno

O senador alagoano Guilherme Palmeira está em vias de reassumir a presidência da Frente Liberal. Esta decisão teria sido tomada no curso de longa reunião ocorrida recentemente no Palácio Alvorada, por iniciativa do presidente Sarney e com a presença dos ministros do partido. Apelo a Palmeira, formulado através do ministro Jorge Bornhausen, foi dirigido a fim de que ele retornasse à presidência da Frente, da qual se encontra licenciado, desde que resolveu disputar as eleições como candidato ao governo de Alagoas, no ano passado.

Passadas as eleições de novembro, desencantado, Palmeira recusou-se a reassumir a presidência, sob a alegação de que seus correligionários foram abandonados à própria sorte, pois não contaram com qualquer tipo de apoio político por parte do governo, na fase da última campanha eleitoral. Assumiu a presidência da Frente, em caráter interino, o deputado mineiro Maurício Campos. Mas, os ministros da frente Liberal entendem que Palmeira se encontra mais sintonizado com as raízes da legenda, uma vez que foi um dos seus principais fundadores, como integrante da antiga dissidência do PDS que abriu caminho, na última sucessão presidencial, ao triunfo da chapa Tancredo Sarney.

O parlamentar alagoano ainda reluta, antes de tomar uma decisão definitiva. Na primeira segunda-feira após o carnaval, Palmeira terá encontro em Brasília com o presidente Sarney, com quem pretende discutir o assunto. Ele quer garantias antecipadas de que a Frente Liberal não será tratada, no governo, como apêndice do PMDB ou força secundária da Aliança Democrática.

A favor de Covas

Se dependesse exclusivamente do grupo que cerca mais de perto o deputado Ulysses Guimarães, o líder do PMDB na Constituinte seria o senador Mário Covas. O grupo em questão, que apoia Covas, é formado pelos ministros Renato Archer e Celso Furtado e pelos governadores eleitos Pedro Simon e Waldir Pires. Mas Covas tem contra si dois fatos: é paulista (seria o terceiro em posto de relevo no Congresso) e é senador (os deputados alegam que, sendo maioria, não devem ser liderados por um senador).

Antecedentes

O deputado paulista Fernando Gasparian, do PMDB, diz que o Barão de Barbacena foi o primeiro brasileiro a receber comissões provenientes de empréstimos contraídos pelo Brasil no exterior. Gasparian fez esses comentários a propósito do apoio dado pelo ex-ministro Delfim Netto à disposição manifestada pelo governo, resolvendo promover uma auditoria em toda a dívida externa brasileira.